



DIREITOS HUMANOS E A OBRA “EU SOU MALALA: A HISTÓRIA DA GAROTA QUE DEFENDEU O DIREITO À EDUCAÇÃO E FOI BALEADA PELO TALIBÃ” SOB A PERSPECTIVA MUNDIAL

HUMAN RIGHTS AND THE BOOK “I AM MALALA: THE STORY OF THE GIRL WHO STOOD UP FOR EDUCATION AND WAS SHOT BY THE TALIBAN” FROM A GLOBAL PERSPECTIVE

Informações dos autores:

Raphaella Viana Silva Asfora 

E-mail: raphaelasfora1@gmail.com

Instituição de Vínculo: Mestra em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – João Pessoa e Campina Grande – Paraíba – Brasil.

Roana de Brito Rangel Guerra 

E-mail: militaryrrguerra@gmail.com

Instituição de Vínculo: Mestranda em Ciências Criminais pela Universidade do Minho (Portugal) – Campina Grande – Paraíba – Brasil.

Contribuição dos autores:

(R.V.S.A); (R.B.R.G): Ambas as Autoras contribuíram com a conceituação, investigação, metodologia redação (rascunho original), revisão textual e edição da presente Resenha Crítica submetida à Revista TEMA da UNIFACISA.

RESENHA CRÍTICA

Atualmente, os Direitos Humanos e seus respectivos preceitos acerca da liberdade e da igualdade, em pleno século XXI, no Brasil e no mundo, possuem diversas abordagens nos meios de comunicação e nas tecnologias da informação — em especial, no tocante às obras literárias e aos *best-sellers* sobre fatos históricos e personalidades marcantes no cenário mundial. Nesse contexto, destaca-se a resenha crítica da atemporal obra “Eu Sou Malala: A História da Garota que Defendeu o Direito à Educação e Foi Baleada pelo Talibã”, em sua 1ª edição, publicada pela Companhia das Letras, vencedora do Prêmio Nobel, no ano de 2013.

A relevante autobiografia de Malala Yousafzai, escrita em parceria com a jornalista britânica Christina Lamb, apresenta a trajetória de Malala, uma paquistanesa que ficou conhecida mundialmente em 9 de outubro de 2012, ao ser atingida por um membro do grupo terrorista Talibã, quando

Recebido em: 12/09/2025
Aprovado em: 27/10/2025

voltava para casa após uma manhã de provas na escola. Em 2014, com dezessete anos, a ativista tornou-se a pessoa mais jovem a ser laureada com o Prêmio Nobel da Paz, de renome mundial.

Ativista pelos Direitos Humanos e pelo Direito à Educação, Malala Yousafzai continuou sua carreira acadêmica e profissional no Reino Unido. Na Inglaterra, prosseguiu com seus estudos e pesquisas internacionais sobre os direitos fundamentais das meninas e mulheres na Universidade de Oxford e, atualmente, é defensora dos grupos sociais femininos mais vulneráveis aos conflitos bélicos e à intolerância religiosa, por meio da Malala Fund, fundação especializada em ações humanitárias no Afeganistão, Brasil, Etiópia, Índia, Líbano, Nigéria, Paquistão e Turquia, em defesa dos Direitos Humanos.

Sob a perspectiva mundial, sua atuação proporciona uma importante compreensão da realidade social, política e econômica dos conflitos no Oriente Médio, especialmente no que se refere ao terrorismo global e aos crescentes desafios à participação feminina no contexto muçulmano contemporâneo.

Destarte, a obra “Eu Sou Malala” proporciona importantes reflexões sobre a realidade da cultura oriental e a presença feminina diante da violência de grupos extremistas, destacando a luta pelo direito das meninas e mulheres à igualdade de oportunidades na educação e na plena participação social. O exemplo da própria Malala Yousafzai transcende a história pessoal: ela se tornou um ícone dos Direitos Humanos, sendo convidada, aos dezesseis anos, pela Assembleia das Nações Unidas, em Nova York, a apresentar ao mundo sua história e denunciar os obstáculos à valorização feminina no universo muçulmano do século XXI.

Todavia, “Eu Sou Malala” é uma obra cuja atemporalidade constitui um grande marco, uma vez que, há décadas, a violência de grupos extremistas como o Talibã tem ceifado inúmeras vidas. A narrativa de Malala Yousafzai e Christina Lamb, em linguagem clara e objetiva, relata um relevante exemplo de força e superação, desde a infância da menina no Vale do Swat, no Paquistão — região marcada por enorme desigualdade social, conflitos políticos, econômicos e religiosos, frequentemente presentes no noticiário internacional.

A emocionante dedicatória da obra — *“A todas as garotas que enfrentaram a injustiça e foram silenciadas. Juntas seremos ouvidas.”* — sintetiza o discurso universal de resistência feminina. A partir das vivências de Malala Yousafzai, sob a perspectiva jornalística de Christina Lamb, o livro apresenta a realidade social do Paquistão e do Afeganistão diante dos principais acontecimentos históricos dos povos pachtuns, a influência da independência da Índia e da presença britânica, bem como o crescente domínio do Talibã e de outros grupos terroristas do Oriente Médio.

A obra possui o prólogo “O Dia em que Meu Mundo Mudou”, no qual Malala relata sua saída de casa para ir à escola, quando levou um tiro de um integrante do Talibã. Com essa tragédia, ela afirma ter “mergulhado no inconsciente do Paquistão”, declarando ainda: *“Algumas pessoas dizem que não porei mais os pés lá, mas acredito firmemente que retornarei. Ser arrancada de uma nação que se ama é algo que não se deseja a ningüém.”*

De fato, Malala sobreviveu aos três tiros disparados por um homem armado com uma Colt 45 — um deles atingiu próximo ao olho esquerdo e saiu abaixo do ombro; os demais feriram suas colegas Shazia, Moniba e Kainat, que estavam próximas a ela e vivenciaram de perto o terrorismo extremista no Paquistão.

A obra está organizada em cinco partes (I, II, III, IV e V), nas quais são relatados os fatos históricos vividos por Malala antes do atentado do Talibã, bem como a missão de seu pai, Ziauddin Yousafzai, professor e fundador da Escola Kushal, que oferecia educação às meninas paquistanesas

mesmo em meio à extrema violência no Vale do Swat.

Destaca-se, ainda, a violência e a misoginia presentes no “Vale da Morte”, com o avanço do Talibã, que levou o exército paquistanês a recomendar que todos deixassem suas casas, provocando inúmeras mortes e milhões de deslocados internos, conforme dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) — entre os quais estava a família Yousafzai.

No norte do Paquistão, o Talibã dominou o Vale do Swat e estabeleceu prazos para que as garotas deixassem de frequentar a escola, comunicados pela Mulá FM, emissora de rádio usada para difundir interpretações extremistas. Em seguida, o grupo iniciou ataques a escolas, fatos violentos registrados por Malala em seu diário com a expressão “À menina do tiro na cabeça, Birmingham” e no epílogo “Uma criança, um professor, um livro, uma caneta...”, reafirmando que, mesmo diante de um cenário de terror, o direito das meninas e mulheres à educação é capaz de transformar o mundo no século XXI.

Acontecimentos importantes no Paquistão e no Vale do Swat também foram relatados em *At War – Notes from the Front Lines: A Family’s Journey and a Girl’s Dream*, veiculados no The New York Times e na BBC News Brasil. Atualmente, como demonstra a obra “Eu Sou Malala”, o cenário paquistanês permanece semelhante, marcado pelo medo da população diante da nova ascensão do Talibã e pela crescente necessidade de ajuda humanitária — missão que a Malala Fund continua a cumprir com maestria em defesa dos Direitos Humanos no Paquistão, Afeganistão, Brasil, Etiópia, Índia, Líbano e em todo o mundo.

REFERÊNCIAS

MALALA FUND. Malala Yousafzai Foundation. Malala Fund is working for a world where every girl can learn and choose her own future. Disponível em: <https://malala.org/>. Acesso em: 15 set. 2025.

SANDHU, Amber; HAFEJI, Kulsum. Malala: Nunca pensei que mulheres perderiam seus direitos tão facilmente. **BBC News Brasil**, Londres, 15 set. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c70ejyy2j90o>. Acesso em: 15 set. 2025.

YOUAFZAI, Malala; LAMB, Christina. **Eu sou Malala**: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ELLICK, Adam B. A family’s journey and a girl’s dream. **The New York Times**, Nova York, 11 out. 2009. Disponível em: <https://archive.nytimes.com/atwar.blogs.nytimes.com/2009/10/11/a-familys-journey-and-a-girls-dream/>. Acesso em: 15 set. 2025.